

O LIVRO DA VIDA” NO ENSINO SUPERIOR

THE "BOOK OF LIFE" IN HIGHER EDUCATION

EL "LIBRO DE LA VIDA" EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR

Tânia Regina Laurindo¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar a produção e elaboração do Livro da Vida para a formação cultural e acadêmica dos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade Americana - SP. Baseando-se nos princípios e metodologias da pedagogia de Celestin B. Freinet, a produção e elaboração do Livro da Vida é um momento de vivenciar e explorar a escrita e suas possibilidades de comunicação. Apresento a produção realizada em um Semestre do curso, as impressões escritas e visuais das vivências realizadas na sala de aula.

Palavras-chave: Livro da Vida. Ensino Superior. Práticas pedagógicas.

Abstract: The present work has as objective to report the production and elaboration of the Book of Life for the cultural and academic formation of the students of the course of Pedagogy of the American Faculty - SP. Based on the principles and methodologies of Celestin B. Freinet's pedagogy, the production and elaboration of the Book of Life is a time to experience and explore writing and its possibilities of communication. I present the production carried out in a Semester of the course, the written and visual impressions of the experiences realized in the classroom.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo relatar la producción y elaboración del Libro de la Vida para la formación cultural y académica de los alumnos del curso de Pedagogía de la Facultad Americana. Basándose en los principios y metodologías de la pedagogía de Celestin B. Freinet, la producción y elaboración del Libro de la Vida es un momento de vivenciar y explorar la escritura y sus posibilidades de comunicación. Presento la producción realizada en un Semestre del curso, las impresiones escritas y visuales de las vivencias realizadas en el aula.

Envio 14/05/2019

Revisão 14/05/2019

Aceite 25/08/2019

¹Doutora em Educação. FACP – Faculdade de Paulínia. taniarl@hotmail.com

Há que aprender com a criança a olhar e virar pelo avesso, a subverter, a tocar o tambor no ritmo contrário ao da banda militar, de maneira que as pessoas, em vez de gritar, obedecer ou marchar, comecem a bailar (Krammer, 2000, p.13).

A formação de professores, no Brasil, vem acontecendo de uma forma acelerada, com programas para o acesso aos cursos de pedagogia, tanto presenciais quanto à distância, em livre expansão e ao mesmo tempo com pouco espaço para a reflexão, criação e descoberta do conhecimento. A cada ano vejo o ingresso de muitos jovens no curso de pedagogia e trabalho, geralmente, com salas numerosas, de 50 a 60 alunos (as).

Minha proposta aqui não é discutir esta expansão dos cursos e nem a quantidade de alunos, mas estes dados tornam-se parâmetros para as perguntas que me acompanham sempre: como realizar um trabalho de formação de professores com salas tão numerosas? como fazer uma roda de conversa para que todos possam participar e se expressar? como fazer com que a práxis educacional promova a formação cultural destes alunos? como seduzi-los para a literatura e leitura cotidiana?

Não pretendo aqui responder a todas estas questões, mas a registro porque todas merecem reflexão. A pergunta que mais aflige o cotidiano de uma sala de aula de um curso noturno e com as características citadas, é “como fazer “funcionar” esta sala”?

Um artesão ou um industrial que possuam uma oficina que funciona mal com máquinas antiquadas que rangem e se “cansam”, não atribui as culpas às máquinas, não tenta obrigá-las a andar. Não as inventiva, pois sabe que isso não serviria de nada. Resolve modernizar a oficina para poder satisfazer as necessidades de sua clientela. Tudo em ordem e a oficina só assim dará rendimento. (FREINET, 1976)

É com esta ideia em mente, como estudiosa e pesquisadora da Pedagogia Freinet, que todo o ano inicio minhas disciplinas no curso de Pedagogia.

Desde o ano de 2012 coloquei em prática, com uma turma de 1º. ano de Pedagogia, uma ideia que há muito vinha me perseguindo: criar alguma forma de fazer com que os alunos da turma, já professores, viessem a gostar de ler. Muitos dos alunos afirmavam

que a maioria das leituras que fizeram foi por obrigação e agora na vida adulta o máximo que liam eram sites, e-mails e comunicações rápidas.

Como uma leitora de literatura infantil e inspirada no processo de construção da Pedagogia Freinet que visa adaptar ensino a realidade, comecei a ler livros infantis em todo início das aulas, enquanto eles iam chegando e se organizando, acreditando assim que pudesse trazer “a vida” para a sala de aula centrando na atividade e na criação, dois princípios importantes da Pedagogia Freinet. Mais tarde denominamos de “momento cultural” a este tempo de leitura de livros infantis. Via os olhos deles brilharem a cada leitura feita. Um dia, uma aluna perguntou se poderia fazer a leitura de um livro, que ela lera no estágio para as crianças. Era tudo que eu queria, tinha dado o pontapé inicial para que eles se apropriassem deste momento.

Assim como FREINET (1975), que procurava fora da escola de seu tempo, uma solução nova, uma técnica adequada a suas possibilidades físicas que pudesse utilizar em sala de aula², “como um náufrago que não quer afogar-se, era preciso na verdade descobrir um meio de não me afundar. Tratava-se para mim uma questão de vida ou morte”, (p.20), utilizei também um dos princípios fundamentais da metodologia de Freinet, o de “tateio experimental”, experiências de ação com o meio criando novas possibilidades de criação. A uma das suas técnicas para elaborar o instrumento de trabalho que chamamos, nos dias atuais, de *livro da vida*. O instrumento “livro da vida” é de registro do cotidiano, porém realizei uma adaptação, usando-o para o registro das leituras realizadas. Freinet em seus boletins escritos aos professores sempre dizia que um mesmo material de trabalho poderia ser utilizado de várias maneiras. Cada sala de aula tem sua realidade, cada professor sua mentalidade própria, cada escola características peculiares, portanto não se pode estabelecer regras FREINET (1978).

Também podemos modernizar o intervalo entre a Escola e a Vida, entre as crianças e os professores, de maneira a adaptar ou readaptar a escola ao meio, para obter um melhor rendimento dos nossos esforços comuns, como propõe FREINET (1975).

² Freinet retornou da 1ª. Grande Guerra com a saúde debilitada que lhe impossibilitava alguns movimentos e grande esforço físico.

Um dos grandes receios de Freinet era que a utilização de seus instrumentos virasse apenas método de ensino. Dizia que somente conselhos técnicos seriam insuficientes para uma mudança efetiva na escola para o povo.

O educador salienta que toda sua pedagogia e do movimento será sempre o de conservar e aumentar esse potencial de vida, afirmando que os métodos tradicionais de ensino o reduzem. Sua pedagogia se baseia em três grandes ideias, como cita Jacques Bens, no prefácio do livro *A educação do trabalho*, de Celestin Freinet (1996): A primeira é a educação para o trabalho, pois é ele que motiva para a aprendizagem e será útil na vida social e profissional. A segunda é de desenvolver ao máximo as possibilidades de cada criança, valorizando suas qualidades. Assim sendo, é necessário que se tenha diversidade de atividades propostas em sala de aula. Estas atividades devem proporcionar à criança conhecer e conhecer-se, adquirir uma existência própria. A terceira ideia é que a criança precisa perceber que não está só, mas que pertence a uma coletividade, nela encontrando melhor sua identidade (LAURINDO, 2012). Para Freinet, “só as pessoas que encontram o seu lugar no mundo podem mudá-lo”.

38

O LIVRO DA VIDA

Propus para a turma que fizéssemos um livro da vida, isto é, que cada um registrasse em um livro (mandei confeccionar com várias folhas A4 e espiralado) as impressões das leituras realizadas na sala. Inicialmente expliquei o que era e como o fazia quando era professora de uma primeira série, há muitos anos. Levei um modelo do livro e eles ficaram bastante entusiasmados.

Após as leituras realizadas, em sua maioria de livros de literatura infantil, o aluno (a) levava o livro para casa para o registro desta leitura. Podemos perceber o “tateio experimental” vivenciado pelos alunos, pois eles relatavam somente o livro lido e se expressavam com desenhos. Estavam, portanto, vivendo a experiência pela primeira vez em registrar em um livro comum a vários, um fragmento da vida e de uma experiência nova.

Encontramos no livro da vida um espaço para a construção de um processo de escrita, com a produção e apropriação dos alunos. O que nele está são escritas dos próprios alunos (as) que se tornam objeto de leitura. Do ponto de vista pedagógico, as praticas destes registros indiciam uma aula como acontecimento (GERALDI, 2010), de aprendizado como experiência e partilha. Percebemos nos registros desta turma a preocupação em relatar e desenhar sobre o livro lido. Inicialmente, não acontecem ainda escritas das impressões da leitura, mas estamos começando o “tatear”.

Seguem, como exemplos, dois registros feitos por alunas, na Figura 1:



Figura 1. Registros feito por alunos.

Importa ressaltar, aqui, que o princípio geral que sustenta o registro no livro da vida, tal como proposto pela pedagogia de Freinet, remete à atenção ao cotidiano, ao acontecimento, ao acaso e ao aprendizado que as singularidades permitem, de modo que o que se aprende, ainda que de valor genérico – ler, escrever - está baseado nas experiências vividas e compartilhadas.

As anotações feitas não são apenas de registro da história contada. Ao término do ano de 2013 pedi aos alunos para que avaliassem o “momento cultural” e o registrassem no livro da vida. Abaixo temos dois fragmentos de duas avaliações extraída do livro deste ano:

Como o próprio nome diz "Livro da Vida" é algo que marca a nossa existência. Escrever uma pequena história nele foi importante para mim porque tive que resgatar alguns sinais vitais de minha doce infância (que já vai longe)... Estes sinais vitais como, por exemplo, a ludicidade, a alegria, a criatividade infantil descompromissada com a estética convencional, pelo simples prazer de produzir. Obrigada, professora Tania, pela oportunidade de resgatar tudo isso em mim." Maria de Lourdes P. S. Vitorino (5o. Período, em 2014, Pedagogia FAM).

40

Neste relato percebemos que para esta aluna o retorno à leitura das histórias da infância, a criatividade para se expressar no desenho foram importantes como resgate da infância e a ludicidade.

Nas aulas de terças- feira da professora Tânia realizadas na Faculdade de Americana acontecia sempre uma leitura no início na aula, o chamado “momento cultural”, e depois da leitura a pessoa que leu deveria registrar sua participação no livro da vida. Quando participei, fiz a leitura do livro “Até as princesas soltam pum” do autor Ilan Brenman, foi muito divertido, pois a história é divertida e todos os presentes na sala demonstraram que gostaram muito, após a leitura levei para casa o “Livro da Vida”. Ao me sentar para contar no livro sobre a minha leitura, fui folhando e verificando as páginas feitas por outros alunos, foi muito contagiante, pois à medida que olhava para os registros, me lembrava das histórias, e fiz o meu registro com os traços da história do meu momento cultural e pensando como foi legal esta experiência. O momento cultural e o Livro da Vida são práticas em todas as aulas da

professora e faz com que a aula fique rica e diferente de qualquer outra e todos os momentos culturais estão gravados para sempre no livro da vida Claudia Ruiz da Silva (5o. Período, em 2014, Pedagogia FAM).

Neste relato da aluna vemos a importância do registro como forma de memória: “pois à medida que olhava para os registros, me lembrava das histórias”.

Em sua pedagogia, Freinet buscava atender as necessidades das crianças. Conhecendo cada vez mais a personalidade de seus alunos, foi percebendo outras formas de melhorar o trabalho em sala de aula. É desta sua prática que surge a Pedagogia Freinet, que vai muito além das técnicas por ele produzidas.

De certa forma, junto com os alunos, agora adultos, busco uma maneira para que a leitura entre para a sala de aula com encanto e entusiasmo. Utilizo livros da literatura infantil porque estes fazem parte do cotidiano da maioria como professores e professoras de salas de aula da Educação básica. A função educativa, de acordo com Freinet, tem a obrigação de respeitar o conhecimento oriundo do cotidiano, pois a “função educativa não está de modo algum confinada ‘às paredes da escola’” (FREINET, 1998, p.296).

A educação escolar está inserida diretamente no processo de formação do indivíduo, desde a mediação com a construção do conhecimento até o processo de sua formação humanizadora. Percebi que ao longo do tempo, aumentavam as participações na leitura e no registro do livro da vida, aparecendo em cada página uma nova criação e um novo aprendizado.

Esta foi a forma que encontrei para que a leitura fluísse nas aulas, e a construção do livro da vida foi a forma de registrar estes pequenos momentos. Isto fez deste livro um espaço especial onde a singularidade de cada aluno e aluna se manifestava; todos tinham a oportunidade de escrever nas grandes páginas do livro, em cada uma delas a impressão de uma leitura de história contada para o grupo e revivida na memória pelo registro no “livro da vida”.

REFERÊNCIAS

FREINET, E. Nascimento de uma pedagogia popular: Os métodos Freinet. Editorial Estampa. Lisboa, 1978.

FREINET, C. A educação do trabalho. Trad. Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

-----, C. As técnicas Freinet da escola moderna. Editorial Estampa. Lisboa, 1975.

GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LAURINDO, T.R. Fora de lugar: Ação e reflexão na coordenação pedagógica em uma escola de sistema apostilado. São Carlos: UFSCAR, 2013